

**FICHAMENTO 1**

COLOMER, Teresa. Ler na escola: os “livros de leitura”. In: \_\_\_. **Andar entre livros -** A leitura literária na escola. Tradução Laura Sandroni. São Paulo Global, 2007, p. 15-48.

Daniel de Souza Machado

“Entre essas duas datas, em meios do século XIX, haviam começado a ser escritos em diferentes países livros especialmente pensados e escritos para a etapa escolar, embora sempre levando em conta que sua função principal era a instrução moral” (COLOMER, p15)

A autora fala sobre o inicio dos escritos literários pensados para a etapa escolar penados como forma de instrução moral.

“No século XIX, a substituição desse modelo pelo estudo da história da literatura nas línguas nacionais levou ao ensino de uma linha de evolução cronológica literária mais ou menos exemplificada com textos nos quais os alunos deviam comprovar os juízos de valor e as características estudadas. Em ambos os casos se recorria, principalmente, à leitura intensiva de fragmentos de obras, orientada para o trabalho guiado pelo professor.” (COLOMER, p17)

A seguir a autora mostra a evolução do ensino de literatura nas escolas.

“Apesar de tudo, há mais de um século existe um discurso escolar favorável a que a escola permita o acesso dos meninos a uma biblioteca com livros: adequados à sua idade.[...] Os métodos de pedagogia ativa da época entreguerras continuaram propiciando este discurso. O modelo das bibliotecas públicas infantis, proveniente dos Estados Unidos, estendeu-se pela Europa e começou a pres­sionar sobre a concepção escolar da leitura de livros. O mundo editorial iniciou, durante aqueles anos, uma nova etapa de colaboração com a escola através de coleções infantis, como a de Père Castor, na França, a publicação de antologias escolares originadas tematicamente por centros de interesse e a busca de um consenso para constituir uma "biblioteca ideal", composta por textos clássicos e literatura infantil de qualidade, mais próxi­ma do interesse dos alunos.” (COLOMER, p18)

Mostra a implantação de bibliotecas publicas infantis e a busca da biblioteca ideal.

“De modo que, apenas quando mudou o modelo que havia permanecido essencialmente estável desde o século XIX até o pós-guerra europeu nas décadas de 1950 e 1960, a leitura de obras completas e o uso da biblioteca tiveram lugar na escola de forma generalizada.” (COLOMER, p19)

Concretização da idéia de uso das bibliotecas.

“Na segunda metade do século XX, as sociedades ocidentais sofreram. importantes transformações que decaiu lugar às sociedades pós-industriais. que hoje conhecemos.[...] Efetivamente, no final da década de 1960 constatou-se o fracasso leitor das primeiras gerações de adolescentes, que haviam seguido já o largo processo de escolaridade ampliado até à etapa secundária. A diferença entre as expectativas geradas e o resultado obtido obrigou a analisar as causas dessa distância siderar o modelo de ensino cultural e linguístico oferecido pela escolas. Isso afetou em cheio o ensino da literatura, que havia sido até então um dos pilares da formação escolar, de modo que a gestação de um novo modelo educativo deixou seus objetivos de ensino desaparecidos na confusão.” (COLOMER, p20 e 21)

Mostra o grande fracasso que foi a formação ampliada de leitores até a etapa secundaria.

“[...]O fracasso da educação leitora da população foi considerado de tal magnitude, que ja a partir da década de 1960 começou-se a dar sinais de que o modelo educativo, que havia sido concebido para os setores minoritários da população resultava inoperante e ineficaz para enfrentar uma escola de massas.” (COLOMER, p21)

“Da perspectiva de uma escola que necessitava de novas formulaçoes sobre o sentido da leitura literária, também resultou particularmente atraen­te que se passasse a caracterizar o texto literário como um "gênero segundo ou seja, como um discurso capaz de absorver todo tipo de formas de lingua­gem e de transformar as realizações linguísticas habituais no mundo comum — conhecidas como "gêneros primeiros" — em outras formas próprias d comunicação literária. A importância de passar a um "gênero segundo" é que se introduz uma distância entre o leitor e os contextos de interação própria do mundo comum.” (COLOMER, p26)

“A formação do leitor literário como justificação da tarefa educativa se integra na maioria das reflexões e dos programas curriculares surgidos teceu-temente. A mudança de ótica se visualizou também ao substituir-se a for habitual de "ensino da literatura" por uma nova denominação de "educação literária”.’ (COLOMER, p32)

**FICHAMENTO 2**

CANDIDO, Antônio. Direito à literatura. **Prosa e Verso,** Rio de Janeiro, dez. 2017. Disponível em: <<https://www.revistaprosaversoearte.com/o-direito-a-literatura-antonio-candido>> . Acesso em: 19 jun. 2018.   
 Daniel de Souza Machado

“Entendo aqui por humanização (já que tenho falado tanto nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante.”

“A organização da sociedade pode restringir ou ampliar a fruição deste bem humanizador. O que há de grave numa sociedade como a brasileira é que ela mantém com a maior dureza a estratificação das possibilidades, tratando como se fossem compressíveis muitos bens materiais e espirituais que são incompressíveis. Em nossa sociedade há fruição segundo as classes na medida em que um homem do povo está praticamente privado da possibilidade de conhecer e aproveitar a leitura de Machado de Assis ou Mário de Andrade. Para ele, ficam a literatura de massa, o folclore, a sabedoria espontânea, a canção popular, o provérbio.”

“Pelo que sabemos, quando há um esforço real de igualitarização, há aumento sensível do hábito de leitura, e portanto difusão crescente das obras. A União Soviética (que neste capítulo é modelar) fez um grande esforço para isto, e lá as tiragens editoriais alcançam números para nós inverossímeis, inclusive de textos inesperados, como os de Shakespeare, que em nenhum outro país é tão lido, segundo vi registrado nalgum lugar.”

“Nas sociedades de extrema desigualdade, o esforço dos governos esclarecidos e dos homens de boa vontade tenta remediar na medida do possível a falta de oportunidades culturais. Nesse rumo, a obra mais impressionante que conheço no Brasil foi de Mário de Andrade no breve período em que chefiou o Departamento de Cultura da cidade de São Paulo, de 1935 a 1938. Pela primeira vez entre nós viu-se uma organização da cultura com vistas ao público mais amplo possível.”

“A partir de 1934 e do famoso Congresso de Escritores de Karkov, generalizou-se a questão da “literatura proletária”, que vinha sendo debatida desde a vitória da Revolução Russa, havendo uma espécie de convocação universal em prol da produção socialmente empenhada. Uma das alegações era a necessidade de dar ao povo um tipo de literatura que o interessasse realmente, porque versava os seus problemas específicos de um ângulo progressista.”

“O Fausto, o Dom Quixote, Os Lusíadas, Machado de Assis podem ser fruídos em todos os níveis e seriam fatores inestimáveis de afinamento pessoal, se a nossa sociedade iníqua não segregasse as camadas, impedindo a difusão dos produtos culturais eruditos e confinando o povo a apenas uma parte da cultura, a chamada popular.”

“As classes dominantes são freqüentemente desprovidas da percepção e interesse real pela arte e a literatura ao seu dispor, e muitos dos seus segmentos as fruem por mero esnobismo, porque este ou aquele autor está na moda, porque dá prestígio gostar deste ou daquele pintor. Os exemplos que vimos há pouco sobre a sofreguidão comovente com que os pobres e mesmo analfabetos recebem os bens culturais mais altos mostram que o que há mesmo é espoliação, privação de bens espirituais que fazem falta e deveriam estar ao alcance como um direito.”

“A distinção entre cultura popular e cultura erudita não deve servir para justificar e manter uma separação iníqua, como se do ponto de vista cultural a sociedade fosse dividida em esferas incomunicáveis, dando lugar a dois tipos incomunicáveis de fruidores.”